

Resenhas

John Zaritsky. 2007. *The Suicide Tourist*. DVD de 90 minutos. Austrália: Beyond Distribution.

Dispomos já de vários filmes que nos possibilitam refletir sobre a morte assistida (eutanásia e/ou suicídio medicamente assistido), como, entre outros, *Les Invasions Barbares*, do canadiano Denys Arcand (em 2004, melhor filme estrangeiro da Academia dos Óscares de Hollywood), *Mar Adentro*, do espanhol Alejandro Amenábar (em 2005, melhor filme estrangeiro da Academia dos Óscares de Hollywood), ou *Million Dollar Baby*, do norte-americano Clint Eastwood (em 2005, melhor filme da Academia dos Óscares de Hollywood). Do que não dispomos tanto são de documentários em torno desta temática, embora não seja objetivo desta afirmação pretender dizer que um documentário dessa ordem desencadeia obrigatoriamente uma reflexão mais rica em torno deste assunto ainda tão polémico na maior parte dos países. De qualquer modo, o bom documentário traz-nos um contacto direto com a realidade que não nos possibilita remeter o que nele vemos para o reino do puramente hipotético ou imaginário, obrigando-nos a um confronto com os dilemas das personagens reais que temos à nossa frente. No caso concreto de *Suicide Tourist*, o documentário tem também a vantagem de nos familiarizar com o modo de atuação da mais conhecida associação *right-to-die* que ajuda legalmente no suicídio assistido de estrangeiros, a associação suíça Dignitas. Por isso, antes de entrar diretamente no conteúdo do documentário, convirá situar brevemente a associação no panorama suíço da discussão e prática da ajuda ao suicídio.

A Dignitas, fundada em maio de

1998 pelo advogado Ludwig A. Minelli e sediada em Zurique, passados dez anos de existência tinha quase seis mil membros (inclusive alguns de nacionalidade portuguesa), espalhados por cinquenta e três países. Até março de 2009, assistira 976 pessoas no suicídio, sendo, acima de tudo, requisitada por nacionais alemães e, logo a seguir, ingleses (ver o subcapítulo que é dedicado a esta associação em *Ajudas-me a Morrer?: A Morte Assistida na Cultura Ocidental do Século XXI*, de Laura F. Santos, Lisboa: Sextante, 2009). Recordemos que a Suíça tem no seu código penal um famoso artigo 115, segundo o qual a assistência no suicídio só é penalizada se for levada a cabo por motivos egoístas. Trata-se de um artigo cujo conteúdo já remonta pelo menos a 1918, mas que, na altura, não visava situações de doença, mas, implicitamente, suicídios por motivos de honra e de amor. Só em 1984, a maior associação *right-to-die* suíça, Exit-Deutsche Schweiz (existe uma outra associação Exit, mas para a Suíça de língua francesa, Exit-ADMD), resolveu explorar as potencialidades deste artigo, no que diz respeito à ajuda no suicídio por motivos de doença: se a ajuda no suicídio estava penalizada, caso houvesse motivação egoísta, não devia haver problemas no caso de ajudar pessoas doentes por motivação altruísta. Este raciocínio resultou correto e, a partir dessa altura, essa ajuda no suicídio tem-se vindo a desenvolver, especialmente (e, durante muitos anos, de modo exclusivo, ou seja, fora de hospitais ou qualquer outro centro de saúde) no âmbito deste tipo de associações. Quanto à eutanásia, encontra-se proibida na Suíça.

Repare-se que, fora do estipulado nesse artigo 115, não existe na Suíça uma lei que regulamente a assistência no sui-

cídio, como nos estados americanos do Oregon e Washington, por exemplo, mas apenas uma série de consensos amplos a que se foi chegando. Fundamentalmente, esses consensos exigem que tenha de ser o próprio a pôr fim à vida, ingerindo uma substância letal ou podendo ainda desencanalear o último gesto que a introduzirá no seu organismo (morte autoadministrada), e que tenha ainda discernimento suficiente para refletir maduramente sobre o seu ato. Quanto à situação clínica, embora a pessoa doente não tenha de se encontrar num estado terminal (o que, para os americanos, implicaria não ter, em princípio, mais de seis meses de vida), exige-se uma situação grave de saúde, com morte próxima ou que proporciona uma qualidade de vida muito má. De outro modo, o médico que, para além da associação, analisa os relatórios médicos e é a única pessoa a poder prescrever a substância letal (pentobarbital de sódio), poderá perder a licença para exercer e ser alvo de um procedimento judicial.

Ludwig Minelli, secretário geral da Dignitas desde a sua fundação em 1998, considerou que a assistência dada aos residentes na Suíça deveria também ser oferecida aos estrangeiros que nela não habitassem, decisão que nunca esteve isenta de polémica, a começar pela própria Suíça. Nos últimos anos, grupos mais adversos à sua prática têm posto a circular a expressão 'turismo da morte' para caracterizar e denegrir esta prática. É assim de modo irónico que o realizador deste documentário o intitulou de *Suicide Tourist*: se estes 'turistas' existem, é porque os países donde provêm não respeitam a liberdade que deveriam ter os seus nacionais de porem termo à vida com a assistência qualificada de outros, sendo obrigados a morrer longe das suas casas e dos seus países. Durante o documentário, é o próprio Minelli que faz votos para que a Dignitas possa tornar-se desnecessária, na medida em que a prática do suicídio assistido seja despenalizada nos outros

países.

Depois deste breve enquadramento quanto ao suicídio assistido na Suíça e quanto à associação Dignitas, aproximemo-nos mais do documentário em causa. John Zaritsky é um realizador canadiano conhecido, autor de vários documentários em torno de situações difíceis, alguns deles premiados. Em 1994, obteve um prémio por causa de um documentário que realizou na Holanda em torno da eutanásia, *An Appointment with Death*, documentário denso e favorável a esta prática, não por introduzir nele qualquer retórica especial em sua defesa, mas pelo modo como apresenta diversas situações de sofrimento. Embora afirme que nunca gosta de voltar duas vezes ao mesmo tema — que, neste caso, é o da morte assistida — afirma que a intervenção de Georg W. Bush e da direita americana no caso Terri Schiavo o irritaram tanto que decidiu tentar voltar ao assunto. Daí ter contactado a Dignitas que, pelo apreço do seu trabalho no modo como lidara com a questão holandesa, aceitou colaborar com ele.

Durante bastante tempo, Zaritsky procurou as pessoas que mais se adequariam ao seu trabalho: umas desejavam colaborar, mas, de algum ponto de vista, não eram as que Zaritsky pretendia; outras, eram pretendidas por Zaritsky, mas, por alguma razão, rejeitavam colaborar com ele. O casal Ewert apareceu-lhe como uma espécie de personagem ideal, por ambos os membros do casal, Craig e Mary, serem pessoas que, ao longo da vida, se tinham interessado pela defesa pública de certas 'causas', desde a oposição à guerra do Vietname, a defesa do direito à despenalização do aborto, o reconhecimento dos direitos dos homossexuais e o reconhecimento do direito a dispor da vida em determinadas situações. Portanto, para Craig, que viria a morrer na Dignitas, colaborar no filme era uma forma de dar um contributo último a uma causa que estava de acordo com o seu ativismo social anterior. Para além disso, Craig preenchia

também um requisito que Zaritsky julgava importante para a produção do documentário: não era um doente terminal, e era com essa ‘zona cinzenta’ que Zaritsky queria confrontar os seus espetadores, na tentativa de contribuir para mudanças nas sociedades e nas pessoas. Para isso, queria obrigá-las a pensar. Assim, nada melhor do que apresentar situações que obrigavam a debater os limites deste suposto direito humano de pôr termo à vida (e, supostamente também, ao seu acompanhamento). Colocar os espetadores perante um doente terminal com morte iminente é a situação mais fácil ou menos controversa. No caso de Craig, a sua expectativa de vida era um pouco maior (um ano, dois?), embora se tratasse de alguém já muito debilitado, com uma doença que só se podia agravar até à morte.

Craig Colby Ewert, de 59 anos, era um professor universitário norte-americano que, farto de ser governado por Bush, se reformara mais cedo do que o habitual e fora viver para Londres com a mulher, Mary, com quem estava casado há 37 anos, aí dando aulas de ciências da computação em *part-time*. Em abril de 2006, descobrira que sofria de esclerose lateral amiotrófica ou doença de Lou Gehrig, tendo-se a doença agravado rapidamente em meados de agosto. Nos inícios de setembro, decidira que era melhor ir morrer à Dignitas. Em virtude da sua rápida deterioração podia ser que, em breve, deixasse de conseguir engolir, e, então, a hipótese suíça podia desaparecer do mapa.

Craig sabia perfeitamente que depressa poderia ficar todo paralisado, embora lúcido. Tinha duas escolhas: morte voluntária a breve trecho, ou sofrimento e morte. Assumira a primeira hipótese. Como se disse, ainda poderia viver um ano ou dois, mas com uma qualidade de vida tão deficiente que a rejeitava. Acompanhado da mulher, preferiu ir morrer a Zurique (26 de setembro de 2006). No documentário, pergunta como é possível os cristãos pensarem que é perfeitamente corre-

to ‘fazer de Deus’ para salvar uma criança prematura ou fazer um transplante, mas não para eliminar o sofrimento através da morte.

Em paralelo, para obrigar a pensar em questões essenciais à problemática do suicídio assistido — por exemplo, admitindo-se o princípio da morte assistida, que tipo de doenças, incapacidades ou ‘situações’ deverão ser abrangidas? — Zaritsky coloca-nos perante uma história com contornos muito diferentes da história de Craig ou dos de uma morte iminente. Num casal com 50 anos de vida em comum, proveniente do Canadá (Vancouver), ele, George Coumbias, quer morrer por já ter tido vários ataques de coração, não usufruindo da qualidade de vida anterior — ‘no tennis, no golf, no sex’, resume ele a certa altura — podendo a qualquer momento ficar numa situação muito pior; ela, Betty Coumbias, saudável mas de idade avançada, quer simplesmente poder morrer com o marido, por não suportar a ideia de viver sem ele, embora demonstre sempre ser uma mulher ativa e independente. No entanto, a ideia de morrer com o marido era já alimentada desde há muito: amava muito as filhas e os/as netos/as, mas, acima de tudo amava o marido, algo que nunca ocultara às filhas e que, aparentemente, elas aceitavam bem, apoiando-a no seu desejo de morrer com o marido.

Embora por uns momentos ainda se alimente a hipótese de este desejo do casal se ir concretizar, pela concordância de Minelli, no final o médico que colabora com a Dignitas vê-se obrigado a recusar o pedido: aceitá-lo seria colocar-se contra os princípios ‘consensuais’ da morte assistida na Suíça, que não admitem ir tão ‘longe’. Além do mais, a narradora diz-nos que, após a primeira visita do casal a Minelli, o médico fora investigado pelas autoridades por causa de um suicídio assistido anterior, o que contribuía para a sua vontade de não se colocar minimamente em risco.

Obviamente, a questão mais extrema que se coloca é a da legitimidade de

uma pessoa saudável poder ser assistida na morte, por exemplo porque o marido ou a mulher vão morrer e não se quer sobreviver-lhe. Estas são mortes de que se vai tendo conhecimento, geralmente no estrangeiro, embora, de modo habitual, ambos os membros do casal, já de idade, se encontrem com bastantes problemas de saúde, ainda que não forçosamente mortais, ou não mortais nos dois casos. Seja como for, trata-se de mortes sem 'assistência'. Depois da recusa do médico, o casal Coumbias regressa ao Canadá, na expectativa de haver uma mudança na política suíça que lhes possibilite regressar. De outro modo, alertam para que poderão comprar uma arma e resolver a questão pelas suas próprias mãos, como sabem que fez um outro casal canadiano. E, qualquer que seja o ano em que morram, já sabem o dia e o mês: aquele em que farão anos de casados, pois foi no dia do seu casamento que as suas vidas começaram verdadeiramente. Considerando-se felizes, perguntam-se por que não haviam de morrer enquanto estavam felizes e (relativamente) saudáveis, em vez de esperar pela lenta ou rápida deterioração.

O documentário, que não está à venda em Portugal, falado em inglês, sem legendas, é, a meu ver, um trabalho excelente sobre a questão do suicídio assistido, realizado com muita sensibilidade e levantando muitas questões para debate (no *You Tube*, tem-se acesso a uma versão espanhola, em cinco partes: *El turista suicida*). O casal Coumbias enternece-nos com as suas manifestações de cumplicidade bem humorada (bom humor que cede à deceção na altura em que recebem a resposta negativa do médico suíço), não tendo nós motivos plausíveis para duvidar da espontaneidade das suas reações. Quanto ao casal Ewert, o facto de atuar sempre de modo muito racional e realista, não cedendo às emoções, ajuda a conter a própria emoção de quem vê o documentário. Dias antes de partirem para Zuri-que (Zaritsky só os começou a filmar qua-

tro dias antes), vão dar ainda um passeio por um belo parque inglês (ele, é claro, de cadeira de rodas), cheio de sol e vibrante de vida. A certa altura, Mary, a pedido de Craig, retira-lhe por uns momentos o ventilador para ele poder sentir os cheiros da natureza, e dir-se-ia estarmos até perante uma cena feliz. Quando estão a sair do parque, um esquilo atravessa por trás deles o caminho que estão a percorrer. Mas se é certo que nunca vemos Craig chorar e, quanto a Mary, só depois da sua morte, o certo é que é difícil para quem vê o documentário não se aperceber da tragicidade enorme daquela situação, em que um homem afável, com capacidades intelectuais tão intactas e relativamente novo se encontra encerrado num corpo que, em grande parte, já não lhe obedece e tenderá a obedecer-lhe cada vez menos, até o asfixiar. Como diz a certa altura, não quer morrer por estar cansado da vida, mas por estar cansado da doença. Aliás, penso ser bem perceptível no documentário a vontade de viver que Craig tem e como só relutantemente, por falta de alternativas que façam sentido para ele, se dirige para a morte. Também são extremamente tocantes as intervenções da filha Katrina, de 22 anos, que, longe de ceder ao desespero, fala do pai sempre com as lágrimas nos olhos (o filho Ivan, de 25, aparece sempre numa situação de maior controlo emocional). O próprio facto de assistirmos à ingestão do produto letal e à morte de Craig, não causa especial estranheza, pois trata-se de adormecer até à morte, sem respirações ofegantes ou qualquer dramatismo (se, por acaso, algo de menos controlado aconteceu, somos poupados a isso). Dir-se-ia que, mais do que a morte evidente, é, logo depois disso, um último afago discreto que Mary faz ao peito de Craig, por cima da sua camisola, que nos provoca emoção: é o último toque ao seu corpo, um corpo que acompanhou o seu durante 37 anos. Que fibras íntimas passam de um corpo para o outro depois de 37 anos de vida em comum, quer se trate

de homem e mulher, ou de pessoas com o mesmo sexo? Ainda se é um corpo único, uma pessoa única, após 37, 50 anos de vida feliz e íntima em comum? Betty Coumbias, pela sua decisão, parecia responder claramente que não.

O documentário *The Suicide Tourist* foi considerado, no concurso canadiano dos *Leo Awards* (24 de maio de 2008), o melhor documentário canadiano de 2008 na categoria 'History/Biography/Social/Political', para além de ter recebido muitos outros prémios nesta mesma competição. Já foi apresentado nalguns canais de televisão (pelo menos, no Canadá, Suíça, Inglaterra e Espanha. Neste último país, foi transmitido a 13 de fevereiro de 2008, poucos dias depois da morte de Eluana Englaro em Itália, a 9 desse mesmo mês). A propósito do documentário, existe no *You Tube* uma entrevista com John Zaritsky, de julho de 2007, a um canal televisivo canadiano, (procure-se em John Zaritzky).

Resta esperar que, tratando-se de um documentário de uma tão grande qualidade e atualidade, a televisão portuguesa possa vir a passá-lo o mais brevemente possível, tanto mais quanto já ocorreu a primeira morte de uma pessoa portuguesa na Dignitas, senhora de 67 anos com cancro metastizado, em junho de 2009 (confirmação particular, via *e-mail*, por parte do seu secretário-geral, em 1 de março de 2010).

Laura Ferreira Santos

Instituto de Educação da Universidade do Minho/CIEd

Gérald Marolf. 2007. *Advergaming and In-Game Advertising: An Approach to the next Generation of Advertising*. Saarbrücken: VDM Verlag Dr. Müller. 159pp. ISBN: 978-3-8364-0285-9

Difícilmente poderíamos encontrar um livro sobre o assunto *Advergaming* tão

completo. A atualidade do tema abordado é muito importante, criando uma plataforma de análise deste recente formato publicitário. Gérald Marolf compila o tema de uma forma aprofundada e crítica. Auxiliase de dados estatísticos e entrevistas em profundidade para conceber a explicação exata sobre o que é *Advergaming* e que benefícios trazem a uma marca publicitária.

A discussão é iniciada com a questão de como o formato é capaz de criar *Brand Awareness*. O autor parte também para a explicação de toda a carga histórica que envolve este tema, deixando aqui clara a parceria entre vídeo jogos e publicidade. Esta relação, segundo Marolf, é a rampa de lançamento do *Advergaming* (Capítulos 2 e 3).

O capítulo seguinte (4) dá a conhecer a forma como um típico jogador se comporta e, acima de tudo, que tipo de atitude forma em relação a estes novos espaços publicitários. O apoio em estudos demográficos explica a razão pela qual o autor acredita no formato e no seu aparente sucesso. Se é certo que o estudo refletido neste livro comporta um espaço temporal extenso (1980 a 2006), também será correto dizer que mais estudos sobre a forma como o jogador age e reproduz a mensagem publicitária, implícita ou explícita, no formato devem ser tidos em conta. O autor, de facto, não deixa de lado esta questão, enumerando, de quando em vez, a falta de estudos nesta área. O que pode, por vezes, deixar cair por terra algumas das ideias que recria na obra.

Marolf indica com precisão quais os objetivos do *Advergaming* para que possa ser 'a powerful place to explore new ways of pushing consumer buttons' (p.31). Criar e aumentar posição, conhecimento (*Brand Awareness*) e relação são alguns dos objetivos enumerados nesta secção do livro. De seguida, percebemos que há uma tentativa de completar as ideias desenvolvidas nos capítulos anteriores com o recurso aos resultados (positivos e negativos) conseguidos com a publici-